

Há muitas histórias que mostram a esperteza do caboclo brasileiro.

Os livros do Cornélio Pires são antológicos quanto a isto, exibindo a rapidez do raciocínio dos caipiras da região de Tietê. Vale a pena lê-los, até para aprender a lidar com agilidade diante de situações complexas.

Outro contador de causos é Rolando Boldrin, conhecedor da pureza da alma sertaneja tão bem delineada, com finesse, nas obras de Guimarães Rosa.

Certa vez, um fazendeiro de um pequeno município do interior paulista foi eleito prefeito da cidade. Trabalhava todas as manhãs na fazenda e, logo depois do almoço, às 11 horas, como acontece sempre na roça, pegava seu fusca e ia despachar na prefeitura, visitar escolas e o centro de saúde, fiscalizar as obras em andamento.

Numa dessas viagens, deu carona a um caboclo, a meio caminho da cidade. O caboclinho não reconheceu o prefeito-motorista, e logo puxou conversa.

- Vou na cidade falar com o prefeito, por causa que ele prometeu que ia fazê um mata-burro aí na entrada do nosso bairro e até hoje ó, nada.

O prefeito, achando graça na conversa, foi dando corda ao sujeito, perguntando se ele tinha certeza da tal promessa ou se tinha só ouvido falar, se conhecia o prefeito, e outras provocações.

O caipira, sem papas na língua, logo botou tudo para fora: que não tinha visto a promessa, mas o compadre dissera ser verdade, e que ia cobrar pra valer do prefeito. Este, divertido, entusiasmou o carona, afirmando que “promessa é dívida” e, se o candidato prometera, deveria ser cobrado com vigor.

Animado e valente, já chegando à cidade, o caboclinho, gesticulando e seguro de si, ia criando mais coragem, quando o prefeito perguntou:

- “E se o homem disser que não faz o mata-burro?”

E o caipira, afogueado e despachado:

- “Sou muito macho, não levo desaforo para casa, mando ele para a p.q.p. no ato, ele vai ver só com quem tá lidando”. ... e acrescentou outros palavrões impublicáveis.

O prefeito deixou o sujeito na rodoviária e foi trabalhar.

Lá pelo meio da tarde, o cujo é introduzido à sala de despachos. Claro que reconheceu o motorista da carona, mas não se deu por achado. Nem o alcaide. Ambos fingiram não se conhecer.

E o caboclo contou toda a história, que o candidato tinha passado pelo bairro na campanha, feito a promessa do mata-burro, etc e tal, que já tinha passado quase um ano e nada, e que ele tinha vindo saber se a obra ia sair ou não, se estava programada e para quando.

E o prefeito, muito sério, de novo dando corda: “Mas o senhor ouviu esta promessa? Tem certeza que ela foi feita? Quando, mais ou menos?” E assim por diante.

Esquivando-se, mas sempre falando a verdade, o caboclinho explicava tudo de novo.

Ao fim da conversa, o prefeito perguntou.

- Mas meu amigo, e se eu disser que não vou fazer o mata-burro?
- O silêncio não durou 3 segundos, suspenso na expectativa da resposta.
- Bão, perfeito, aí é aquilo que nós cumbinemo da viagem...”

Palavra dada, palavra cumprida...

**\* Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, presidente do Conselho Superior de Agronegócio da FIESP e professor de Economia Rural da UNESP/Jaboticabal**